

# Jornalistas que formam jornalistas: um estudo sobre a docência a partir do ‘Perfil do jornalista brasileiro’

FELIPE SIMÃO PONTES<sup>1</sup>  
JACQUES MICK<sup>2</sup>



## RESUMO

O artigo reflete sobre as características demográficas, políticas e do trabalho de 173 jornalistas que atuam como professores de ensino superior e participaram, em 2012, da pesquisa ‘Perfil profissional do jornalismo brasileiro’. Observam-se semelhanças e diferenças entre as características do segmento e a média dos profissionais, notadamente quanto a sexo, nível de ensino, taxa de sindicalização e opiniões quanto à criação de órgão de autorregulamentação profissional e à exigência de formação superior para o exercício da profissão. Constata-se que, em resposta à multiplicação do número de cursos superiores de Jornalismo no país na última década, a configuração do segmento acabou por produzir um contingente robusto de docentes que compartilham os códigos profissionais da categoria no país. Apesar de taxas relativamente baixas de incentivo à qualificação nas instituições de ensino superior, 76% dos jornalistas-professores têm mestrado e doutorado. Os docentes jornalistas trabalham majoritariamente em disciplinas práticas dos cursos de Jornalismo, apenas um terço atua em ensino, pesquisa e extensão e são profissionais que dedicam alta carga horária ao trabalho: em sua maioria tem mais de um emprego e está há menos de 10 anos no emprego atual, com alta taxa de rotatividade de atividades em suas vidas produtivas (baixa razão tempo/emprego). Não obstante, eles estão relativamente satisfeitos com seus empregos como professores.

## PALAVRAS-CHAVE

Ensino de Jornalismo. Professores de Jornalismo. Perfil dos jornalistas.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Sociologia Política e Mestre em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Jornalista formado pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Bolsista Capes e integrante do Núcleo de Estudos sobre as Transformações no Mundo do Trabalho (TMT/UFSC) e da pesquisa ‘Perfil Profissional do Jornalista Brasileiro’. E-mail: [felipe271184@yahoo.com.br](mailto:felipe271184@yahoo.com.br).

<sup>2</sup> Jornalista, doutor em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da UFSC, coordenador da pesquisa ‘Perfil profissional do jornalismo brasileiro – Etapa 1’, no âmbito do Núcleo de Estudos sobre as Transformações no Mundo do Trabalho (TMT/UFSC). E-mail: [jacques.mick@ufsc.br](mailto:jacques.mick@ufsc.br).

## **1 APRESENTAÇÃO E ASPECTOS GERAIS DA AMOSTRA**

Pesquisas sobre o perfil profissional dos professores de Jornalismo e também de jornalistas formados que se encaminharam para docência no Brasil são recentes e pouco numerosas. A ausência de bases precisas para o cálculo do número de docentes de Jornalismo no país (e o volume de jornalistas entre eles) indica o quanto esse segmento da categoria não recebe a atenção metodológica e sociopolítica que merece, num contexto de rápida expansão da oferta de ensino superior na área.

As políticas de aumento na oferta de ensino superior desenvolvidas, com estratégias distintas, pelos governos de Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva alteraram radicalmente a distribuição dos cursos de Jornalismo no território nacional, a partir de meados dos anos 1990. Franciscato et al. (2010) observaram que, até o final dos anos 1980, o país tinha apenas 100 cursos de graduação em Comunicação Social, divididos entre as diversas habilitações da área e fortemente concentrados em São Paulo e Rio de Janeiro. "E, claro, muitos estados não tinham sequer uma escola de formação universitária na área até o início da década de 1990." (FRANCISCATO et al., 2010, p. 103). Os autores, vinculados ao Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPJ), estimaram em 60 mil o número de estudantes matriculados nesses cursos em 2010, situação que constitui novos espaços para a atuação dos jornalistas como professores: "[...] de uma estimativa de 1.500 docentes que, em 1990, atuavam nos então cursos de Jornalismo existentes no País, passa-se, em 2010, para um número estimado em 6.000 professores que trabalham nas escolas nesta área de formação universitária<sup>3</sup>."

Dados colhidos pelo projeto de pesquisa 'Perfil Profissional do Jornalismo Brasileiro' refinam o ritmo da expansão. O número de escolas de

---

<sup>3</sup> "As variadas formas e relações de trabalho em IES de diferentes regiões e estados do Brasil dificultam inclusive o mapeamento das condições de ensino e trabalho, por parte dos professores. Tais variações vão desde a condição de professor horista (que tem contrato de remuneração apenas pela hora do tempo físico, direta, em que ministra aula) à de docentes que se dedicam, em tempo integral, às referidas IES, atuando em variadas ações que envolvem o ensino superior (da graduação à pós-graduação). No intervalo entre as duas condições, há professores em tempo parcial apenas para aula, em tempo parcial com dedicação para aula e atividades de pesquisa ou extensão. Além daqueles com tempo de 30 ou 40 horas, dividido entre atividades de ensino, pesquisa ou extensão." (FRANCISCATO et al., 2010, p. 106).

Jornalismo cresceu continuamente: de 61, em 1990, para 317 vinte anos depois (TABELA 1). Quintuplicou em vinte anos, quase triplicou desde 2000.

TABELA 1- CURSOS DE JORNALISMO COM TURMAS ABERTAS EM 2010 NO BRASIL, POR DÉCADA DE INÍCIO DO CURSO

	Antes de 1970	Até 1980	Até 1990	Até 2000	Até 2010
Total de cursos	18	51	61	137	317

Fontes: eMec / Guia do Estudante Abril / Coordenações ou secretarias dos cursos / Páginas de internet das instituições de ensino superior (MICK; LIMA, 2013, p. 20).

A demanda por docentes de e para jornalismo tem sido suprida de modo variado<sup>4</sup>. É parcialmente atendida pelos cursos de Pós-Graduação oferecidos em Comunicação e em Jornalismo, bem como de linhas de pesquisa específica em jornalismo. O Brasil tinha 14 mestrados e oito doutorados em Comunicação em 2000 (VASSALO; ROMANCINI, 2012, p. 77). Atualmente, 43 programas oferecem mestrado acadêmico e 16, doutorado<sup>5</sup>.

A carência de pesquisas sobre docentes diante da expansão do ensino e da pesquisa em Jornalismo vem ao encontro de alguns dos dados que a 'Pesquisa do Perfil Profissional do Jornalismo Brasileiro' obteve sobre os docentes. O objeto de análise neste artigo são dados colhidos em 2012, em amplo levantamento sobre as características da categoria conduzido pelo Núcleo de Estudos sobre Transformações no Mundo do Trabalho (TMT), do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A enquete em rede, de participação espontânea, colheu respostas de cinco mil profissionais de todas as unidades da federação, entre 24 de setembro e 10 de novembro<sup>6</sup>. O plano amostral, representativo da

<sup>4</sup> Mick e Lima (2012, p. 15) observaram a conversão de profissionais em professores de Jornalismo ou de comunicação no período: "Alguns agiram como no início da carreira, ao escolher a profissão, e resolveram aprender na prática. Alguns (não necessariamente outros) perseguiram mestrados ou doutorados, num movimento que, em pouco mais de uma década, expandiu a pesquisa sobre Comunicação no país a uma escala nunca realizada."

<sup>5</sup> De acordo com Freyre (2010, p. 40), havia, até 2009, 537 professores nos programas de Pós-Graduação em Comunicação no Brasil. Cálculo de precisão similar quanto às 317 graduações em Jornalismo ou Comunicação Social - Jornalismo não foi encontrado. O aumento da pesquisa específica em Jornalismo e a produção de conhecimento pertinente à academia nas graduações e pós-graduações têm nas referências de Franciscato et al. (2010) um dos quadros mais atualizados do segmento profissional que aqui será trabalhado.

<sup>6</sup> A pesquisa, realizada em convênio com a Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) e com apoio da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) e do Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPJ), foi divulgada por amplo conjunto de instrumentos: notícias em veículos de circulação dirigida a jornalistas; e-mails distribuídos aos profissionais pelos 31

## Jornalistas que formam jornalistas:

um estudo sobre a docência a partir do 'Perfil do jornalista brasileiro'

distribuição estimada dos jornalistas nas regiões do país, comportou 2.731 questionários respondidos – a margem de erro é de 2%, num intervalo de confiança de 95%, considerando-se uma população estimada em 145 mil jornalistas.

Do plano amostral, serão aqui analisadas apenas as respostas de 173 profissionais que em 2012 trabalhavam como professores, 6,3% da amostra total da pesquisa. Deles, 107 trabalham principalmente como professores, enquanto os demais atuam principalmente em outras funções jornalísticas, na mídia (34) ou fora dela (32), e têm a docência como atividade secundária. São, portanto, 62% de jornalistas que têm a docência como trabalho principal (107) e 38% que são professores como segunda ou terceira atividade profissional (66)<sup>7</sup>. Apenas os professores que têm a docência como atividade principal puderam responder questões específicas sobre ela. Mas todos os docentes (como atividade principal e como atividade secundária) que participaram da pesquisa responderam as questões demográficas e políticas.

60 |

As dimensões da amostra são insuficientes para se considerar que os dados são generalizáveis, ou seja, que representam as características dos docentes jornalistas no país. Para se traçar o perfil desse segmento com maior fidedignidade, seria necessária uma pesquisa específica, com amostra mais significativa do segmento. Os dados apresentados a seguir, portanto, devem ser vistos como ponto de partida para novas investigações.

A pesquisa de perfil da categoria constatou que 54,5% dos jornalistas brasileiros atuam principalmente (como trabalho jornalístico principal) na mídia; 40,3%, em funções fora da mídia; e 5,2% são professores (MICK; LIMA, 2013). A TABELA 2 detalha a distribuição da categoria por tipo de atividade,

---

sindicatos filiados à Fenaj; mensagens remetidas aos coordenadores dos 317 cursos de Jornalismo; notas nos boletins das três entidades que apoiaram o levantamento; postagens em redes sociais compartilhadas por profissionais de todo o país. Cada participante foi estimulado a multiplicar, em sua rede de contatos, o convite para participação na pesquisa. A metodologia é descrita em detalhes em Mick (2013).

<sup>7</sup> Quanto à confiabilidade dos dados, observamos que todos os participantes informaram endereços de e-mail, validados após conferência individual. Quase todos os respondentes preencheram seus nomes completos e manifestaram o desejo de receber os resultados de pesquisa. O percentual de comentários livres ao final da pesquisa também foi significativo, visto que 15,7% dos respondentes manifestaram suas apreciações. Há críticas ao questionário, sugestões de temas não tratados nessa oportunidade, dúvidas quanto ao modo de preencher algumas respostas, congratulações pela iniciativa e a reiteração do desejo de receber os resultados finais da pesquisa.

considerando que um terço dos jornalistas tem mais de uma fonte de renda na área (20,6% têm dois empregos ou fontes de renda jornalísticas diferentes, 5,2% têm três, 1,2% têm quatro ou mais; têm apenas um emprego 66,3% dos trabalhadores, enquanto 5,4% são *freelancers*). Parte dos entrevistados consideram sua atividade principal como docente, mas atuam na mídia ou fora da mídia em atividades secundárias. Isso explica porque a amostra de professores que tem como atividade principal a docência (5,2% dos que trabalham) é superior àqueles que são exclusivamente docentes (4%).

TABELA 2 – JORNALISTAS BRASILEIROS QUE TRABALHAM NA ÁREA POR TIPO DE ATIVIDADE, CONFORME AS COMBINAÇÕES DE TRABALHO JORNALÍSTICO PRINCIPAL E SECUNDÁRIO (2012)

Tipo de atividade(s)	%
Exclusivamente em mídia, com um ou mais empregos	45,80
Exclusivamente fora da mídia, com um ou mais empregos	33,60
Com mais de um emprego em mídia e fora da mídia	12,20
Profissionais de mídia ou fora da mídia que também atuam como docentes	4,40
Exclusivamente docentes	4,00

Fonte: Pesquisa 'Perfil profissional do jornalismo brasileiro – Etapa 1'.

A parcela da amostra relativa aos docentes corresponde, portanto, a 8,4% dos jornalistas que trabalham na área. A distribuição dessa amostra no território nacional guarda diferenças tanto em relação ao plano amostral representativo da categoria, quanto em relação à distribuição de cursos de Jornalismo por região do país (TABELA 3). A amostra total de jornalistas apresenta 36,7% dos respondentes no estado de São Paulo, 23,5% no sudeste sem São Paulo, 15,7% no sul, 12,1% no nordeste e 12% no norte e centro-oeste. Dos 173 jornalistas que se declaram docentes, uma indicou que atua em Portugal. Atuam no estado de São Paulo 26,7% da amostra; no sudeste sem São Paulo atuam 27,1%; no sul são 26,1%; no nordeste 13%; e no norte e centro-oeste 11,9%.

TABELA 3 – DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS CURSOS DE JORNALISMO POR REGIÃO DO PAÍS COMPARADA À DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA DA PESQUISA DE PERFIL DOS JORNALISTAS BRASILEIROS E DA PARCELA RELATIVA AOS DOCENTES

Região	Distribuição de cursos de Jornalismo em 2010	Distribuição dos jornalistas no plano amostral*	Distribuição dos docentes no plano amostral
Sul	18,6	15,7	20,9
Sudeste sem SP	22,4	23,5	27,1
São Paulo	23	36,7	26,5
Norte-Centro Oeste	18,3	12	11,9

## **Jornalistas que formam jornalistas: um estudo sobre a docência a partir do 'Perfil do jornalista brasileiro'**

Nordeste	17,7	12,1	13
----------	------	------	----

\* Calculada com base nas respostas obtidas no país.

Fontes: Ministério do Trabalho e Emprego (MTE); Guia do Estudante Abril; sistema eMec.

Elaboração: Pesquisa 'Perfil profissional do jornalismo brasileiro – Etapa 1'.

Esses dados indicam que a amostra tem proporção maior de professores em relação ao número de escolas nas regiões sul, sudeste sem São Paulo e São Paulo, e menor nas regiões nordeste e norte centro-oeste. Das 317 graduações em Jornalismo, 73 são de São Paulo (23%), 71 do sudeste sem São Paulo (22,4%), 59 no sul (18,6%), 58 no nordeste (18,3%) e 56 no norte e centro-oeste (17,7%).

Dos 107 jornalistas que têm a docência como trabalho principal, 77,8% trabalham em departamentos de Jornalismo. Estão lotados em outros departamentos de Comunicação Social 12%. Nas demais áreas das Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas e Linguística, Letras e Artes, 6,5% dedicam suas atividades (2,8% nas duas primeiras áreas, 0,9% na última). Ao indicar outras áreas (resposta em aberto), três confirmaram trabalhar em Jornalismo e em outros departamentos de Comunicação Social. Um docente trabalha em Cinema e Audiovisual e outros em Vídeos para EaD.

A seguir, o artigo analisa as características demográficas (seção 2), os indicadores relativos à formação e à experiência profissional (seção 3), às condições de trabalho e satisfação no exercício da profissão (seção 4) e as opiniões políticas do segmento (seção 5). As considerações finais resumem as principais características do segmento, apontadas pela fração da amostra, arriscam interpretações sobre alguns dos dados e apontam a necessidade de novas pesquisas.

## **2 CARACTERÍSTICAS DEMOGRÁFICAS DOS DOCENTES**

A fração da amostra (173 docentes) revela uma divisão semelhante, na docência, de homens (52%) e mulheres (48%), equilíbrio que destoa da profissão, com nítida maioria feminina em seus quadros (63,7% das respostas no plano amostral). Essa característica tem relação com a distribuição por faixa etária, como se verá mais à frente: mais jovens e graduadas recentemente, as

mulheres entraram há menos tempo no mercado de trabalho e, por consequência, também na docência.

Hegemonicamente, os docentes declaram-se brancos – 83,2% da amostra – média superior às dos outros dois segmentos e do geral da profissão, de 72,2%. Professores que se declaram de cor parda são 12,7% e preta, 2,9. Amarela foi citada por uma resposta e indígena não foi citada. Tais características destoam da formação social brasileira: o Censo 2010 indica que 47,7% da população declaram-se brancos; 7,6%, pretos; 43,1%, pardos; 1,1%, amarelos e 0,4%, indígenas (IBGE, 2010b, p. 70)<sup>8</sup>.

Cerca da metade do segmento de docentes (49,7%) afirmam praticar uma religião, enquanto 42,2% não praticam e 8,1% são ateus/ateias. Entre os que praticam religião, 50% dizem respeitar os preceitos da Igreja Católica Apostólica Romana e 8,1%, da Católica Apostólica Brasileira. Importante parcela dos jornalistas professores compartilha os princípios espíritas (23,3% dos com religião) e espiritualistas (4,7%). Batistas são 5,8% do segmento. Das religiões afro-brasileiras, o candomblé abriga 4,7% dos que possuem religiosidade. E 4,7% dos professores que praticam religião são budistas. Adventistas e presbiterianos são 3,5% do segmento. As demais religiões, quando mencionadas, não receberam mais do que duas respostas.

Em comparação aos dados gerais da população brasileira, a categoria apresenta diferenças substantivas. No Censo 2010 (IBGE, 2010b), declararam-se sem religião 8% da população, enquanto 64,6% definiram-se como católicos, 22% como evangélicos e 2% como espíritas, 0,3% pertencem à umbanda e candomblé e 2,7% a outras religiões. Destaca-se na comparação com os jornalistas docentes a diferença quanto aos sem religião (8% da população brasileira contra 50,3% dos professores). E, entre os docentes que possuem religião, a alta presença de espíritas<sup>9</sup>.

---

<sup>8</sup> As maiores proporções de escolas e jornalistas registrados, contudo, estão em São Paulo e no Sudeste sem São Paulo, o primeiro estado com 63,9% de brancos e a região seguinte com 44% de brancos. Mesmo assim, tais números estão ainda aquém dos referenciados para os jornalistas e para os docentes jornalistas que se declaram brancos. Outro fator explicativo pode ocorrer devido ao nível de escolarização relacionado ao acesso de brancos, pretos e pardos ao ensino superior. Em 2010, por exemplo, 31,1% dos brancos com idade de 15 a 24 anos estavam no ensino superior. Por sua vez, apenas 12,8% dos pretos e 13,4% dos pardos (IBGE, 2010b, p. 70).

<sup>9</sup> Uma possível razão para esse resultado (que exigiria mais estudos para comprovação, inclusive comparativos com outras categorias) pode ser encontrada nas observações nos dados do IBGE

## Jornalistas que formam jornalistas:

um estudo sobre a docência a partir do 'Perfil do jornalista brasileiro'

Diferente da maioria de solteiros que trabalha na mídia e fora da mídia em assessoria, 40,4% dos professores são casados e 13,3% mantêm união estável. Por sua vez, 8,1% dos docentes estão divorciados e 4,6% separados. Os solteiros no segmento são 33,5% dos respondentes. Essa característica dos professores está diretamente vinculada à faixa etária do segmento, mais velha em média do que o restante dos jornalistas. São 28,9% dos docentes com 41 a 50 anos e 31 a 40 anos, e 21,4% com idades de 51 a 64 anos. Os docentes de 23 a 30 anos representam 18,5% dos respondentes. Acima de 64 anos e abaixo dos 22, as taxas são pouco significativas<sup>10</sup>. Os jornalistas que têm a docência como trabalho secundário são mais jovens que os demais.

### 3 FORMAÇÃO E EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

As necessidades de formação acadêmica e de experiência profissional estão relacionadas à idade média dos docentes, mais alta quando comparada à idade dos profissionais que atuam na mídia e fora da mídia. Ainda assim, não pode ser descartado que docentes em processo de consolidação de carreira sejam maioria. Isso decorre, inclusive, da ainda recente expansão da oferta de cursos de Jornalismo no país e do conseqüente aumento da demanda por formação, o que é corroborado pela multiplicação de pós-graduações.

Tal situação parece se comprovar, ainda, nos dados de que 92 respondentes (53,2% dos docentes) têm como maior grau de instrução mestrado e desses, 32 (34,78% dos mestres) estão fazendo doutorado. Entre os especialistas (18,5% dos docentes) e os poucos que possuem como maior formação a graduação, 27,5% estão cursando mestrado. A média de docentes com doutorado é de 20,8% e 2,9% já realizaram pós-doutoramento<sup>11</sup>. (Entre os jornalistas que têm a docência como trabalho principal, a taxa de doutorados é de 28,7%). Note-se que 64,2% dos docentes não estão estudando – o que deve

---

(2010b) de que os espíritas têm entre seus membros o maior percentual de praticantes com nível superior. Também é o grupo religioso com a maior média de idade da população brasileira: 37 anos.

<sup>10</sup> A participação de jornalistas entre os docentes acima de 64 anos deve ser mais significativa do que a amostra sugere. Como a condição para a participação na pesquisa era a autoidentificação como jornalista, é possível que parcela dos docentes mais antigos na carreira não se reconheça mais como pertencente à categoria, preferindo identificar-se como 'professor universitário' em vez de 'jornalista'. A opção pela autoidentificação é explicada em Mick (2013).

<sup>11</sup> A pesquisa não aferiu as áreas de doutoramento.

ser balanceado, já que 23,7% da categoria ou têm pós-doutorado; assim, o potencial de professores que não estudam e que visariam promoção na carreira ou necessitariam de formação cai para 40,5% - ainda assim, superior aos 35,8% de docentes que estudam. Os jornalistas que têm a docência como trabalho secundário têm menor formação que os demais e enfrentam mais dificuldades para estudar (tais como jornadas longas de trabalho e a ausência de apoio dos empregadores para a qualificação, como se verá).

É relevante, para consubstanciar a análise sobre os docentes, considerar a área de formação na graduação. Dos docentes que responderam ao questionário, 90,2% têm formação em Jornalismo. A informação deve ser comparada com a proporção da amostra que trabalha departamentos de Jornalismo, de 77,1%. Os dois dados são altamente significativos, pois aumenta a probabilidade desses professores compartilharem códigos profissionais e didáticos coerentes com a constituição de perfis, competências e habilidades reconhecidas como jornalísticas. Apenas os formados em 'licenciatura e educação', com 3,5% da amostra, receberam mais de duas respostas. Todas as demais áreas de formação receberam no máximo uma resposta.

Outro dado importante é a preponderância – com tendência de mudança – de docentes que realizaram sua graduação em instituições públicas de ensino superior (IES), visto que, dos 168 que responderam a questão, 41,1% realizaram seus cursos em IES federais e 15,5% em estaduais. Por sua vez, 32,1% concluíram suas graduações em instituições privadas e 8,9% em confessionais. Uma situação de geração e de oferta de cursos deve ser fator de ponderação a tais dados, especificamente quando comparada à amostra total de jornalistas, que tem taxas acima de 60% para instituições privadas. Em todas as outras categorias (com exceção das taxas em instituições municipais, nas quais apenas um professor declarou ser formado), a proporção de graduações de docentes em instituições públicas supera proporcionalmente as das demais categorias. Além da diferença público-privado na formação dos segmentos, há uma grande variação proporcional entre os formados em instituições confessionais (frequente entre os professores e marginal para o conjunto da categoria).

## Jornalistas que formam jornalistas:

um estudo sobre a docência a partir do 'Perfil do jornalista brasileiro'

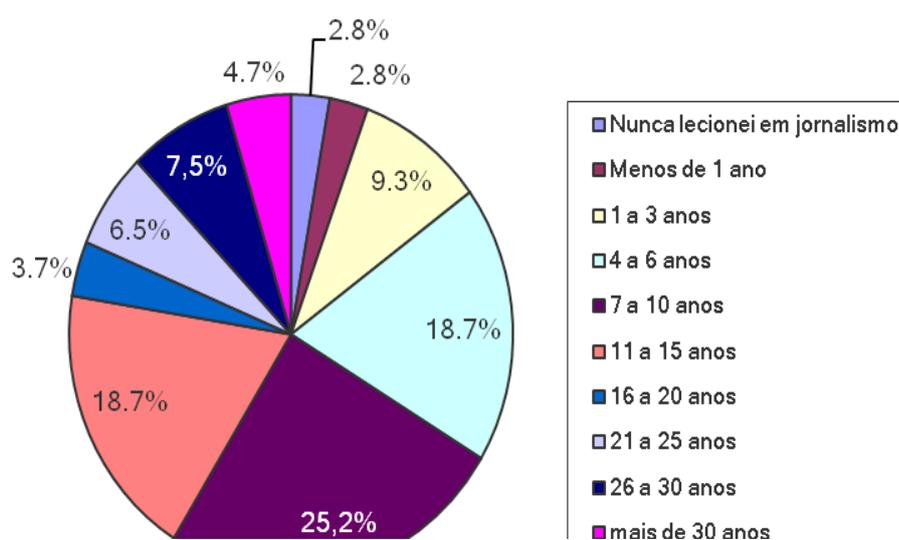
Quanto à experiência profissional, 69,9% dos docentes realizaram estágio em jornalismo. Por sua vez, poucos, 10,4%, frequentaram algum tipo de *trainee* promovido por empresas de jornalismo.

Poucos docentes têm experiência profissional no jornalismo inferior a um ano (2,9% dos respondentes). A maior parte, 24,3%, teve ou tem seis a 10 anos de atividade profissional. Em seguida, 19,1% indicaram experiência de dois a cinco anos. Com 11a 15 anos de experiência, são 16,8% dos respondentes, e 15,6% com 16 a 20 anos. Os de maior experiência estão divididos em 7,5% de 21 a 25 anos; 8,1% de 26 a 30 anos e 5,8% com 31 anos ou mais de carreira. Sintetizando esses dados, pode-se considerar que 46,3% dos docentes tiveram menos de 10 anos de experiência como jornalistas profissionais (de mídia ou de assessoria).

Dos participantes da enquete com trabalho principal em docência, 56% têm experiência de até 10 anos (GRÁFICO 1). Os docentes consolidados na atividade, com experiência de 11 a 20 anos somam 22,4%. Em seguida, com mais de 21 anos de experiência e na maturidade acadêmica estão 18,7% dos docentes. A distribuição é compatível com o ritmo de expansão na oferta de ensino superior, que registrou significativo aumento na demanda por novos docentes na última década.

66 |

GRÁFICO 1 – TEMPO DE EXPERIÊNCIA EM DOCÊNCIA DOS JORNALISTAS COM TRABALHO PRINCIPAL COMO PROFESSORES



Fonte: Pesquisa 'Perfil Profissional do Jornalista Brasileiro'. Florianópolis: UFSC, 2012.

Quanto à quantidade de empregos ao longo da carreira, 48,8% dos docentes mudaram de emprego de duas a cinco vezes e 29,7% de seis a 10 vezes. Essa informação parece indicar alguma instabilidade de emprego na categoria. Como a maioria dos respondentes tem experiência profissional no jornalismo de até 10 anos, parte significativa da categoria fica no mesmo emprego, em média, por menos de dois anos. Com maiores variações na quantidade de atividades ou postos de trabalho ao longo da carreira, 8,7% apresentam 11 a 15 empregos, 3,5% de 16 a 20 e 7,6% acima de 20 experiências de trabalho.

## 4 CONDIÇÕES DE TRABALHO E SATISFAÇÃO

A docência, ao contrário do que poderia se supor, não é muito diferente do restante da profissão quando o quesito é exclusividade no emprego. Atuam em apenas um emprego 43,3% (taxa significativamente inferior à amostra total da profissão, de 56,9%). Por sua vez, 37,6% possuem duas fontes de renda, dado superior ao da profissão como um todo (22%). Com três fontes de renda, o percentual de docentes dobra o da amostra total (12,7% para 5,9%, respectivamente). Com quatro ou mais empregos ou como *freelancer* trabalham 4% dos docentes e 1,4% dos jornalistas. Quando a pergunta da enquete focou as fontes de renda provenientes exclusivamente de funções jornalísticas, os dados parecem demonstrar que parcela expressiva dos jornalistas que têm outra atividade além da de professor atua fora da profissão. Têm apenas uma fonte de renda jornalística 60,2% dos docentes; 24,9% têm duas fontes de renda jornalísticas e 6,9%, três ou mais fontes. Apontaram não possuir nenhuma fonte de renda jornalística 10,4% dos respondentes<sup>12</sup>. Dos que têm a docência como trabalho principal, 13% possuem atividades secundárias também em docência, quase o mesmo percentual daqueles que atuam fora da mídia em outras atividades (assessorias de imprensa, de comunicação ou outras atividades que

<sup>12</sup> É uma particularidade do segmento a possibilidade de não identificação da atividade de professor de Jornalismo com o jornalismo. A resposta 'não possuir renda em jornalismo' pode significar, para o respondente, que o trabalho como professor de jornalismo não representa 'renda em jornalismo', ao contrário de trabalho em mídia ou em assessoria. Há também uma parcela dos docentes que está vinculada a outros departamentos e não dá aulas em cursos de Jornalismo.

## **Jornalistas que formam jornalistas:**

**um estudo sobre a docência a partir do 'Perfil do jornalista brasileiro'**

envolvam o conhecimento jornalístico, com 12,1%). Aqueles que mantêm atividade secundária na mídia somam 11,2%.

A carga horária desenvolvida em atividades jornalísticas pelos docentes se assemelha à distribuição de jornada na categoria: 54,9% trabalham até oito horas diárias em funções jornalísticas e 45,1%, acima disso. Até cinco horas de trabalho jornalístico é a jornada de 21,6% dos 167 docentes que responderam à questão. De cinco a oito horas é de 32,3% e de oito a 12 horas é a carga horária de 35,3% dos respondentes. Trabalham mais de 12 horas diárias 10,8% dos docentes. Entre os docentes, há parcelas maiores que a média da categoria de trabalhadores com jornadas inferiores a cinco horas e superiores a 12 horas.

A quantidade de empregos e a carga horária interferem diretamente na qualidade de vida do trabalhador, pois também atinge a estabilidade no emprego. Os jornalistas respondentes que têm a docência como trabalho principal, em sua maioria, estão há pouco tempo no emprego atual. A maior parcela de respostas indica que 23,4% atuam de um a três anos no emprego atual e 13,1% há menos de um ano. Abaixo dos 10 anos, há ainda os que trabalham quatro a seis anos no emprego atual, com 17,8% da amostra; e os que atuam de sete a 10 anos, com 18,7%. Após essa faixa de tempo, as percentagens tornam-se menos significativas, sendo 10,3% de 11 a 15 anos e menos de 5% para os demais períodos de tempo. Portanto, 63% dos docentes estão no mesmo emprego há menos de 10 anos, sendo que 36,5% atuam há menos de três anos.

Esse dado pode ser comparado com o que indica 37% dos professores trabalhando em instituições privadas e 9,3% em confessionais, o que ocasionaria menor segurança na manutenção do emprego (isso se refere aos jornalistas que têm a docência como trabalho principal). No entanto, é importante apresentar que as maiores taxas de respondentes trabalham em IES públicas (40%), sendo 24,3% em universidades federais, 0,9% em centro de ensino superior federal, 11,2% em universidades estaduais, 0,9% em centro de

ensino superior estadual e 2,7% em instituições municipais. Complementam os dados 7,4% de profissionais que trabalham em instituições comunitárias<sup>13</sup>.

Essas informações condizem com a forma de acesso dos professores às instituições em que trabalham, visto que 58,9% mantêm contrato de trabalho com instituição particular, sendo 18,7% por contrato hora-aula. Não há registro de professores que atuam sem qualquer forma de contrato. Entre as formas de acesso ao serviço público, 27,1% dos respondentes estão consolidados como servidores públicos que já passaram por estágio probatório e 9,3% são servidores em estágio probatório. Complementando aqueles que atuam no serviço público como docentes, 1,9% mantêm contrato público temporário e 1,9% lecionam como bolsista ou similar em decorrência de programas públicos de incentivo à docência. Portanto, 3,8% mantêm uma atividade temporária no serviço público.

Na primeira parte do questionário, os participantes também responderam como ingressaram em seu emprego atual. Nessa questão, 32,7% de 104 jornalistas que trabalham principalmente como docentes responderam que acessaram a vaga por concurso público. Por seu turno, 22,1% adentraram por processo seletivo realizado pelo contratante. Percentagem semelhante foi indicada para casos de convite para assumir a vaga como docente, 22,5%. Em 11,2% de respostas esteve presente a indicação de um amigo ou colega. E 5,9% foram contratados como prestadores de serviço. As demais possibilidades de acesso como 'seleção por empresa de recrutamento', 'vínculo familiar', em 'continuação a estágio ou *trainee*' e mediante 'abertura de empresa' receberam, cada qual, uma resposta. Em situações que não há exigência de concurso público, predominam seleções de cunho pessoal, nas quais as relações de amizade e indicação permanecem práticas comuns. Tal situação se estende a todo o jornalismo, como demonstram os dados dos outros segmentos da categoria (ver MICK; LIMA, 2013, p. 48-49).

Os jornalistas que trabalham principalmente como docentes, em sua ampla maioria, estão vinculados a departamentos de Jornalismo (77,1%) ou já trabalharam em cursos de Jornalismo (97,2%), mesmo quando pertencem a

---

<sup>13</sup> Nos comentários a essa questão, sete docentes (6,5%) indicaram trabalhar em outras instituições. Contudo, três deles atuam em centro universitário privado, um em faculdade privada e um em uma instituição pública federal. Outra trabalha em uma instituição estrangeira.

## **Jornalistas que formam jornalistas:**

**um estudo sobre a docência a partir do 'Perfil do jornalista brasileiro'**

outros departamentos. Essa situação indica a consolidação da especialidade desses profissionais no ensino de Jornalismo e na sua multiplicidade de disciplinas. Entre 108 docentes, 20,3% dizem que são especialistas em disciplinas teóricas, com destaque para Teoria da Comunicação com 5,6%, além de uma indicação no item 'outras disciplinas teóricas', que também foi opção de 5,6% dos respondentes. Teoria do Jornalismo e Ética do Jornalismo/Deontologia receberam 2,8% e Metodologia da Pesquisa, 3,7%. A margem de respostas em cada disciplina teórica não permite aferições mais acuradas quanto à transição dos currículos de Jornalismo das disciplinas mais ligadas à Comunicação – como Teoria da Comunicação – para as mais vinculadas ao jornalismo, como Teoria do Jornalismo e Ética e Deontologia. As indicações em comentários de disciplinas do ensino de jornalismo não citadas nas opções trazem três atreladas à Comunicação Social e duas ao Jornalismo.

Os especialistas em disciplinas práticas da formação de Jornalismo são ampla maioria, com 79,7% das respostas. Destacam-se as disciplinas de Jornalismo Impresso com 25,2%, Radiojornalismo com 13,1%, Telejornalismo com 12,1%, Assessoria de Comunicação com 10,3% e Jornalismo Digital assinalado por 6,5% da amostra. A força das disciplinas técnicas entre os docentes jornalistas demonstra o vínculo da experiência e da prática profissional à atuação na docência. Daí parece advir o lastro de identificação desses professores com a prática jornalística, reconhecendo tais atividades como de maior competência para os jornalistas. Os dados indicam uma especialização por mídia, que identifica as áreas de formação profissional dos docentes. Curiosamente, apenas 2,8% dos respondentes assinalaram redação jornalística, mesmo essa atividade atravessando todas as mídias citadas. Outro fator que merece maior aprofundamento é a vinculação tradicional dos docentes de disciplinas práticas ao jornalismo impresso, em face dos efeitos da convergência digital sobre a profissão.

Quando se trata da inclusão das atividades de pesquisa e extensão às de ensino em Jornalismo, há um grande equilíbrio nas quatro possibilidades. Dos jornalistas que têm a docência como trabalho principal, atuam no tripé da educação superior 36,4%. Os que apenas ensinam são 24,3%. Os que realizam pesquisa além do ensino são 22,4%. Já a extensão combinada ao ensino atinge

16,8% dos docentes. Consolidando tais números, todos os jornalistas docentes exercem o ensino, 58,8% realizam pesquisa e 53,2% extensão.

Entre os professores que pesquisam, representativa parcela (20,6% da amostra) trabalha em pós-graduações. Entre os 22 professores de pós-graduação, 15 estão em programas vinculados à Comunicação (14% dos jornalistas docentes como trabalho principal). A proporção de programas de pós-graduação em Comunicação no Brasil frente aos cursos de graduação em Jornalismo é na razão de 43 para 317, o que gera 13,6% de cobertura<sup>14</sup>. Seis docentes trabalham em programas de pós-graduação de outras áreas (5,6%, metade nas Ciências Sociais Aplicadas e outra nas Humanas).

Os professores que responderam a pesquisa também deram indicativos de quantos jornalistas docentes estão trabalhando no mesmo departamento que eles. Apenas o respondente como jornalista do departamento em que atua atinge 5,6% do segmento. Uma minoria de jornalistas, com dois a cinco profissionais é a situação de 19,6% dos locais de trabalho dos respondentes. A maioria da amostra de docentes (39,3%) aponta trabalhar com seis a 10 colegas de profissão, o que já torna provável a existência de maioria de docentes jornalistas em parte significativa dos departamentos de Jornalismo do país. De 11 a 15 colegas jornalistas somam 15%, de 16 a 20 colegas jornalistas abrangem 4,7% da amostra e mais de 20 jornalistas, 15,9%.

Apresentadas as situações de empregabilidade, estabilidade, aspectos da atuação e características dos colegas de trabalho, torna-se complementar a discussão sobre a renda dos docentes, sua satisfação e projetos para o futuro. A renda dos docentes proveniente de funções jornalísticas está discriminada no GRÁFICO 2. A maioria do segmento concentra-se na faixa de renda de mais de cinco a 10 salários mínimos – o que corresponde, em grande parte das situações, ao salário pago a um docente mestre em regime de trabalho de 40 horas; e na faixa de 10 a 20 salários mínimos, valor aproximado pago aos docentes de 40 horas com doutorado.

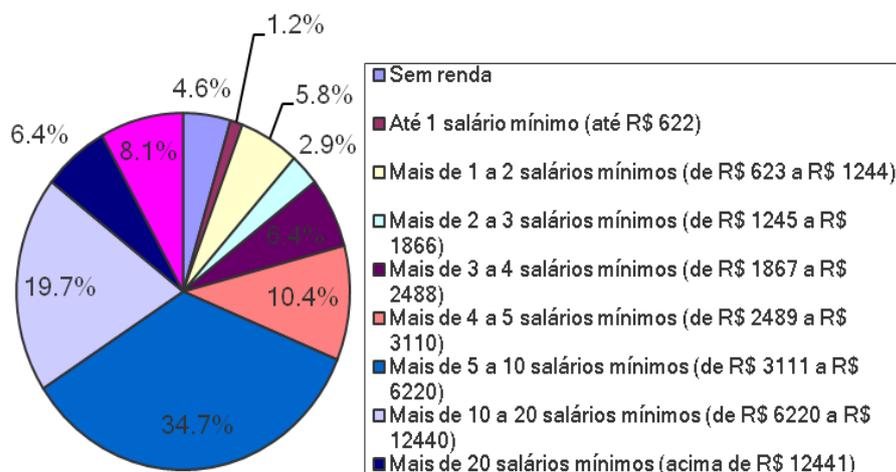
---

<sup>14</sup> A razão de cursos de pós-graduação para a graduação é muito semelhante à de docentes em pós-graduações em comunicação do total da amostra para o segmento de docentes. Ainda que próximos, tais dados não são confiáveis, devido à necessidade de pesquisas exclusivas com os docentes do país e levantamentos sistemáticos dos dados programa a programa. A inferência é mais uma possibilidade de pesquisa que se desenha como desdobramento.

## Jornalistas que formam jornalistas:

um estudo sobre a docência a partir do 'Perfil do jornalista brasileiro'

GRÁFICO 2 - RENDA PROVENIENTE DE FUNÇÕES JORNALÍSTICAS DOS JORNALISTAS DOCENTES (2012)



Fonte: 'Pesquisa Perfil Profissional do Jornalista Brasileiro'. Florianópolis: UFSC, 2012.

72 |

Os docentes também listaram os benefícios não salariais a que têm direito em suas atividades profissionais. A metade da amostra (50,5%) declarou ter plano de saúde; 35,5%, vale alimentação e 31,8%, incentivo à qualificação – fator que afeta diretamente a quantidade de docentes em formação. Ainda que a situação seja ligeiramente melhor do que nos demais segmentos da profissão, importante destacar a grande margem de desassistidos quanto a saúde e alimentação. Vale transporte e plano de previdência complementar são os benefícios mais citados na sequência, com 18,7% e 13,1%, respectivamente. Auxílio creche ou creche, que constituem programas importantes para profissionais de faixa etária e estado civil dos docentes, tiveram respostas irrisórias – 3,7% e 2,8% respectivamente. Dois respondentes declararam participar dos lucros da instituição contratante. Nove pessoas (8,3%) disseram receber outros benefícios, como plano de pensão, auxílio moradia, bolsa de estudos para os filhos e plano odontológico (duas respostas). Importante destacar que 25,2% dos docentes não recebem qualquer benefício além do salário, situação pouco melhor do que os jornalistas que trabalham na mídia (32%) e dos que exercem outras atividades jornalísticas fora da mídia (30,5%).

Ainda que seja possível indicar situações de instabilidade, excesso de trabalho e poucos benefícios, os docentes declaram-se majoritariamente satisfeitos com a atividade que exercem. Dos 107 que responderam a questão, 51,4% afirmam estar 'satisfeitos' e 30,8% 'muito satisfeitos', o que representa

82,2% de satisfação. 'Nem satisfeito, nem insatisfeito' foi a resposta de 12,1%. Os 'insatisfeitos' são 5,6% e ninguém declarou estar muito insatisfeito.

Os projetos desses trabalhadores para o futuro possuem estreita vinculação com a ascensão na carreira como docente. Apenas 7,5% pretendem deixar a carreira docente para exercer outras atividades jornalísticas (contratados para empresas de mídia 3,7%, para outras atividades jornalísticas, 1,9% e não jornalísticas, 1,9%). Apenas 2,8% desejam entrar em uma instituição de maior porte e prestígio. Uma parcela significativa, 17,8%, tem o objetivo de entrar na carreira pública de docente. A maior parte dos respondentes (35,5%) deseja seguir na mesma instituição e ingressar como docente na pós-graduação. E uma parte expressiva, de 23,4%, não deseja alterar o *status* em que se encontra na atividade que exerce<sup>15</sup>.

## 5 OS PROFESSORES, A PROFISSÃO E A POLÍTICA

A vinculação desses professores à profissão é bastante estreita. Dos 173 respondentes, 164 possuem registro profissional de jornalista, o que corresponde a 94,8% dos casos e supera em muito a média da profissão, de 75,2% de registros. Os professores, em sua maioria, possuem registro como jornalista profissional (86,6%), pouco maior que a média de todos os jornalistas.

Os docentes também demonstram mais engajamento quando questionados sobre a exigência de formação específica em Jornalismo para o exercício da profissão. Enquanto a amostra total indica 55,4% dos jornalistas a favor da exigência de diploma em Jornalismo para o exercício da profissão, 59,3% dos professores e 63% dos jornalistas que têm a docência como atividade principal manifestaram essa preferência. A defesa da exigência de qualquer formação superior é opinião de 22,1% dos docentes, e de formação em Jornalismo em nível de pós-graduação para não graduados em Jornalismo é de 13,4%. Apenas 2,3% disseram ser contra qualquer exigência de formação superior (na amostra total, os jornalistas que manifestaram essa opinião são 6,1%). Manifestaram não ter opinião dois docentes (1,2%)<sup>16</sup>. Dos respondentes

<sup>15</sup> Esse percentual é muito próximo da parcela de docentes de pós-graduação, com carreira consolidada.

<sup>16</sup> Uma resposta manifestou uma opinião diversa das possibilidades de resposta ofertadas pela pesquisa, sugerindo a flexibilização da formação de ensino superior específica para a exigência

## Jornalistas que formam jornalistas:

um estudo sobre a docência a partir do 'Perfil do jornalista brasileiro'

nesse segmento da pesquisa, 94,7% são favoráveis a alguma exigência de formação superior para o exercício da profissão de jornalismo.

Os professores também defendem, em sua ampla maioria (83,1%), a criação de um órgão de autorregulação do exercício profissional. São contra a proposta 9,9%. Indiferentes são 3,5%, mesmo percentual dos sem opinião. Essa posição dos professores, em comparação com os jornalistas da amostra total da pesquisa, traz diferenças em especial nos indiferentes e sem opinião (com 7,3% das respostas cada opção entre os jornalistas), fator que reduz, na amostra total, os favoráveis para 71,5% – índice de aprovação ainda muito alto.

Esses três aspectos averiguados na pesquisa demonstram que os professores estão vinculados à constituição da profissão de jornalismo, posturas que referendam a histórica posição da academia nas reivindicações pela profissão. Outras perguntas relacionadas a essa postura são as que aferem filiação sindical, em especial ao Sindicato dos Jornalistas. Os professores estão divididos quanto à filiação sindical, visto que 43,9% estão atrelados a uma organização dessa natureza. A participação sindical dos docentes é proporcionalmente muito maior do que o percentual da amostra total de 25,2%. Desses professores filiados, 84,2% estão vinculados ao Sindicato dos Jornalistas, 52,6% a um sindicato de professores e 6,6% a sindicatos de outras categorias. Ou seja, de todos os professores que responderam à pesquisa, 37% são filiados a sindicatos de jornalistas.

Os docentes que responderam não ser filiados justificaram suas respostas. Afirmaram 'não ter interesse' 33% dos docentes. Outros 43,2% representam o somatório de respostas abertas a algum nível de intervenção, do ponto de vista de lideranças sindicais: diretoria do sindicato não representa a categoria (9,2%); não conhece o sindicato (8,3%); sindicato não responde demandas específicas de sua área de atuação (28,4%) e diretoria dificulta sindicalização (1,8%). Consideram que atuam em área não representada por sindicato de jornalistas 4,8% dos respondentes<sup>17</sup>.

---

de pós-graduação ou curso de extensão em Jornalismo, a depender da função a ser exercida pelo profissional.

<sup>17</sup> Das respostas por extenso que não se encaixam nas opções, uma justificou a não filiação por já estar filiado a um sindicato de professores e outra por estar filiado ao sindicato dos professores e à Associação Brasileira de Imprensa (ABI). Três respostas apresentam motivos pessoais ou falta de tempo para acompanhar as atividades sindicais. Uma resposta aponta que

Quanto ao posicionamento ideológico, os professores dizem ser de esquerda (30%) e de centro-esquerda (27,7%). Apenas duas respostas assumem posicionamento de direita, seis, de centro-direita e oito, de centro. Recusaram identificar-se com essas categorias 14% dos respondentes e 5,8% mencionaram outro posicionamento ideológico.

Mesmo definindo posicionamento ideológico, 93,6% dos docentes não são filiados a qualquer partido político. Os que confirmaram vinculação partidária estão ligados ao Partido dos Trabalhadores (PT, oito menções), Partido Socialismo e Liberdade (PSOL, uma menção) e ao Partido Comunista do Brasil (PC do B, duas menções).

Quanto à participação em associações e ou organizações sociais, os docentes, em sua maior parte, declaram não atuar – 56,7%. O percentual de participação é maior do que a amostra total aponta para o conjunto da categoria (em que apenas 34,4% têm algum tipo de atuação associativista). Essa diferença pode ser ponderada, uma vez que os professores estão mais engajados em associações de educação e pesquisa (22,5%). Na categoria, o índice de participação nesse tipo de organização social é de 8,9%.

|75

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados do segmento de professores da pesquisa 'Perfil Profissional do Jornalista Brasileiro' não bastam para caracterizar a docência em Jornalismo ou o processo de atuação de jornalistas na docência no Brasil. Pesquisas específicas podem aproveitar a metodologia empregada nesta investigação, e os dados dela resultantes, para obter amostragem mais significativa dessa parcela da categoria.

Os jornalistas docentes que responderam esta pesquisa, em síntese, estão em faixas etárias maiores que a média da categoria, estão casados ou em união estável (frente à maioria de solteiros da amostra total de jornalistas), a maioria é branca, há uma proporção muito alta de pessoas sem religião e entre os religiosos, destaca-se o número de espíritas.

---

a sindicalização (e não apenas a diretoria) não representa os interesses da categoria. Outra declara que o sindicato nunca respondeu pedido de filiação feito via internet. E, por fim, um declara que o sindicato não atende a cidade em que trabalha, mas apenas os grandes centros.

## Jornalistas que formam jornalistas:

um estudo sobre a docência a partir do 'Perfil do jornalista brasileiro'

Os dados indicam um segmento majoritariamente com formação específica em Jornalismo, o que, por conseguinte, aponta para a possibilidade de compartilharem os códigos que dão unidade à profissão e de reproduzirem esses códigos na formação de jornalistas. Essa informação é relevante para pesquisas futuras especialmente interessadas na constituição do perfil profissional via formação no ensino superior. Mais da metade do segmento de docentes ainda está em processo de consolidação de suas carreiras acadêmicas e parte significativa apresenta alta rotatividade de experiências no jornalismo (na docência inclusive).

A maioria dos docentes possui mais de um emprego. A renda dos profissionais se concentra nas faixas entre cinco e 20 salários mínimos. Estão há pouco tempo de serviço no emprego atual, não sendo regra o recebimento de auxílios além dos salários. Grande parte pretende manter o status em que atua ou passar a integrar os quadros de uma pós-graduação. A maior parte dos profissionais atua em disciplinas práticas, sendo significativa a parcela que tem o Jornalismo Impresso como especialidade. Apenas um terço dos respondentes trabalha com ensino, pesquisa e extensão e 20% já trabalha na pós-graduação. Com esse quadro, os profissionais desse segmento declaram-se satisfeitos ou muito satisfeitos com a atividade que exercem.

No Brasil, trabalhar como professor universitário não significa necessariamente dispor de estabilidade no emprego, menos horas de trabalho, benefícios ou possibilidade certa de exercício da pesquisa e da extensão. Os salários, mais altos que a média da categoria, são um atrativo que deve ser considerado – embora sejam resultantes de duas ou mais atividades profissionais paralelas, na maioria do segmento. A posição de docente como formador e multiplicador do *ethos* profissional precisa ser considerada para o entendimento da satisfação desses profissionais no exercício de suas funções. Tal situação pode estar vinculada, inclusive, às posições políticas desses profissionais.

Os professores são mais engajados politicamente que a categoria. A defesa da formação específica em Jornalismo ou da exigência de ensino superior para o exercício da profissão, bem como da criação de um órgão de autorregulação recebem apoio ainda mais majoritariamente do que no

conjunto da profissão. Mesmo assim, a margem de professores que não defendem a formação em graduação específica em Jornalismo é alta (44,6%). Grande parte declara posicionamento de esquerda (os índices de quem se declara de direita são irrelevantes), mas não atua em partidos políticos. Os professores participam mais do que a média dos jornalistas brasileiros em associações e similares e nos sindicatos (de jornalistas e de professores).

A baixa participação política dos professores de Jornalismo quanto à partidarização e atuação em associações (que não as vinculadas a ensino e pesquisa) pode ter alguma relação com a igualmente baixa participação dos jornalistas. Essa situação pode mais uma vez revelar o compartilhamento de valores entre esses profissionais. Por outro lado, a baixa participação política pode ser ponderada pela alta carga horária de dedicação ao trabalho. Essas inferências demandam análises mais específicas, com os dados da pesquisa e também com outras fontes.

O processo de transformação pela qual passou e ainda passa o jornalismo brasileiro está diretamente vinculado à formação superior dos jornalistas. Conhecer melhor os profissionais que formam os jornalistas é fundamental para a continuidade dos estudos de perfil da categoria e do jornalismo brasileiro. 

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COMBESSIE, J. C. **O método em Sociologia**: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2004.

FRANCISCATO, C. et al. A produção de conhecimento no campo do Jornalismo. In: CASTRO, D.; MELO, J. M.; CASTRO, C. (Orgs.). **Panorama da Comunicação e das Telecomunicações no Brasil**. Brasília: IPEA, 2010, p. 99-116. (v. 2).

FREIRE, M. (Coord.). **Relatório de Avaliação 2007-2009**. Trienal 2010. Área de Ciências Sociais Aplicadas I. Brasília: Capes, 2010. Disponível em: <<http://trienal.capes.gov.br/wp-Content/uploads/2011/02/RELAT%C3%93RIO-DE-AVALIA%C3%87%C3%83O-2010-CSA-I.pdf>>. Acesso em: 23 mai. 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2010** - Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Brasília: IBGE, 2010.

LOPES, M. V.; ROMANCINI, R. Pós-graduação. In: CASTRO, D; MELO, J. M. (Orgs.). **Panorama da Comunicação e das Telecomunicações no Brasil 2011/2012**: flagrantes. Brasília: IPEA, 2012. p. 67-85. (v. 2).

## **Jornalistas que formam jornalistas: um estudo sobre a docência a partir do ‘Perfil do jornalista brasileiro’**

MICK, J. A expansão do ensino de jornalismo no Brasil e a reconfiguração da categoria profissional (2000-2010). In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE PERIODISMO, 1., 2012, Santiago. **Anais eletrônicos...** 2012a. Disponível em: <<http://perfildojornalista.ufsc.br/dados/resultados/>>. Acesso em 27 nov. 2012.

\_\_\_\_\_. **Detalhamento metodológico da pesquisa “Perfil profissional do jornalismo brasileiro”**. Florianópolis: TMT/UFSC, 2013. Disponível em: <<http://perfildojornalista.ufsc.br>>. Acesso em: 14 fev. 2013.

MICK, J; LIMA, S. (Orgs.). **Ensinar Comunicação: desafios pedagógicos no ensino de Jornalismo e Publicidade**. Chapecó: Argos, 2012.

\_\_\_\_\_. **Perfil do jornalista brasileiro: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012**. Florianópolis: Insular, 2013.